

FSF
29/12/97 4.124-4
465

FOLHA ilustrada

4º caderno ★ Página 1 ★ São Paulo, segunda-feira, 29 de dezembro de 1997

Tel.: (011) 224-7842. Fax: (011) 224-2284. E-mail: ilustrad@uol.com.br

Indifolha
Elton John lidera
 Singles mais vendidos nos EUA

1. Elton John
2. Leann Rimes
3. Usher

Fonte: Revista "Billboard"

O melhor da TV

UND "Biografias"
 Especial sobre Flash Gordon
 Mundo, 20h

"Especial Maria Bethânia"
 Musical com a cantora
 Bandeirantes, 22h40

Fotos Reprodução



A ilustração à esquerda, produzida pelo ticuna Xisto Batista Muratu, é uma das 155 que integram "O Livro das Árvores"

Índios desenharam a Amazônia

ARMANDO ANTONORE
 da Reportagem Local

Por dez anos, mais de 200 ticunas usaram guache e canetas coloridas para retratar a floresta amazônica. O resultado está em "O Livro das Árvores", que também traz textos sobre as relações dos indígenas com a mata

Eles levantam a bandeira da proteção ambiental, mas não são ecochatos.

Trocaram palavras de ordem por desenhos coloridos e uma coletânea de textos muito simples, ora poéticos, ora marcadamente didáticos. Reuniram tudo numa publicação de 96 páginas, "O Livro das Árvores", que "se esconde" em apenas cinco livrarias do país.

É o resultado de uma década de reflexão sobre as florestas tropicais. Os autores: 230 índios ticunas, que habitam a região do Alto Solimões, no Amazonas, perto das fronteiras brasileiras com o Peru e a Colômbia.

Hoje, têm entre 25 e 45 anos. Todos falam a língua materna (o ticuna) e a do colonizador (o português). Adotam, inclusive, nomes próprios em ambos os idiomas.

Também se distinguem por lecionarem nas escolas de suas aldeias. Mesclam o currículo oficial da primeira à quarta séries com matérias específicas, que respeitam as tradições indígenas.

Juntos, integram a Organização Geral dos Professores Ticunas Bilingües. A entidade — que bancou a edição do livro — sobrevive principalmente de recursos oriundos do Ministério da Educação e do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), um dos braços da ONU.

Sob a orientação da educadora

gaúcha Jussara Gomes Gruber, boa parte dos 230 índios iniciou em 1987 um processo de observação da natureza com a finalidade de adquirir subsídio pedagógico para as aulas de ciência.

Munido de guache e canetas coloridas, o grupo saía pela mata desenhando plantas e animais. Tentava retratar, ainda, figuras mitológicas que há séculos povoam o imaginário ticuna.

Simultaneamente, promovia discussões sobre a importância da floresta para a sobrevivência física e cultural dos povos indígenas.

"Quando demos conta, tínhamos mais de mil ilustrações. E notamos que os desenhos fixavam, de maneira muito singular, as concepções ticunas do simbólico e do real", diz Jussara.

Os índios resolveram, então, que não limitariam o material às esco-

las locais. E elaboraram o projeto de dois livros — o das árvores, lançado em agosto, e o dos peixes, que sairá no segundo semestre de 1998.

Por enquanto, a distribuição é tímida. Os três mil exemplares de "O Livro das Árvores" só estão à venda em São Paulo, Rio, Porto Alegre e Brasília (leia relação das lojas nesta página).

O volume traz 155 ilustrações e uma série de relatos coletivos, que os professores produziram com o auxílio de cinco idosos, conhecedores profundos da cultura ticuna.

Política

A publicação, para os desavisados, parece ter caráter exclusivamente lúdico — sobretudo por causa dos desenhos vistosos e do lirismo de certos textos.

Sob o ar inocente, porém, insinua-se uma intenção política:

manter os madeireiros longe da Amazônia.

Os ticunas formam uma das maiores comunidades indígenas do Brasil. São 28 mil pessoas, distribuídas por 105 aldeias, que se localizam em nove municípios amazonenses. Cerca de 60% da população já aprendeu o português.

A maioria das terras ticunas, diferentemente do que ocorre com outros povos, está demarcada. Nesse momento, portanto, a principal preocupação dos índios é proteger o que lhes pertence.

Sem nunca apelar para jargões militantes, "O Livro das Árvores" tenta explicar por que os ticunas valorizam tanto a preservação da mata.

Fora os motivos de ordem material (é da selva que tiram alimentos, remédios e madeira para a construção de casas, embarcações,

enfeites ou brinquedos), há os de natureza simbólica.

Toda a lógica social e religiosa dos ticunas se apóia em mitos que vêm da floresta. Ao esmiuçá-los, o livro desnuda um universo tão fascinante quanto desorientador para o "mundo civilizado".

Chama atenção também o entendimento singular que os índios possuem dos fenômenos biológicos — o modo como descrevem, por exemplo, os ecossistemas:

"As aves que voam alto vivem nos galhos mais altos das árvores: tucano, arara, maguari, gaivota, japó, urubu-rei, gavião. O maguari prefere fazer seu ninho na samameira. O jaburu prefere viver nos galhos do turimã."

"O mergulhão busca o peixe no rio e depois dorme nas árvores. (...) O açai, buriti, bacaba, pamá, paricá (...) e muitas outras frutas

servem de alimento às marianitas, araras, pipiras, mutuns (...)."
 "Além das frutas, os pássaros encontram nas árvores outros alimentos: vários tipos de insetos e larvas."

Traços infantis

Para olhos inexperientes, as ilustrações do livro lembram pinturas primitivistas ou mesmo desenhos de criança, em especial porque não se preocupam com perspectivas e escalas.

Jussara Gruber explica, no entanto, que se trata de um estilo próprio dos ticunas. Uma linguagem gráfica que se inspira na decoração de máscaras rituais e em outras manifestações artísticas tradicionais.

"A beleza das ilustrações está justamente aí: com traços que nos parecem infantis, os índios conseguem traduzir a complexidade das coisas."

Título: "O Livro das Árvores"

Autores: 230 índios ticunas

Lançamento: Organização Geral dos Professores Ticunas Bilingües

Quanto: R\$ 28 (96 págs.)

Onde encontrar: Livraria Tantas Palavras (011/853-0438, em SP); Instituto Socioambiental (011/825-5544, em SP); Garden Book (021/294-3749, no Rio); Bamboletras (051/221-8764, em Porto Alegre); Casa do Livro (061/226-7898, em Brasília)

→ LEIA MAIS sobre "O Livro das Árvores" à pág. 4-4

ZOOM



O olhar que os ticunas lançam sobre a Amazônia em "O Livro das Árvores" lembra o de um cineasta: primeiro, os índios dão uma visão panorâmica e aérea da floresta; depois, lentamente, entram na mata para mostrar, cada vez mais de perto, tudo o que a compõe

FSP
29/12/97 4-4 conf.
455

OLIVRO ÍNDIO

Na mitologia, ticunas derrubam árvore para iluminar a Terra

da Reportagem Local

Se "O Livro das Árvores" prega a proteção da Amazônia, os índios que o assinam nem sempre rezam o mesmo credo —pelo menos no campo mitológico.

Para os ticunas, houve um tempo em que a Terra era só escuridão. Estava mergulhada numa noite contínua e fria por culpa de uma enorme e densa samaumeira.

A árvore, que os indígenas chamam de wotchine, obstruía o planeta, impedindo a entrada de qualquer claridade.

Preocupados, os deuses Yo'i e Ipi pegaram o caroço de um fruto e jogaram na samaumeira para chegar se do outro lado existia luz.

Descobriram que sim. Melhor: pelo burquinho que se formou nas folhagens, avistaram uma preguiça-real que prendia, no céu, os galhos da árvore gigantesca.

Resolveram, então, afugentar o bicho e lhe atiraram uma porção de caroços. Não adiantou nada. A preguiça continuou segurando a

samaumeira. Em compensação, de cada caroço nasceu uma estrela.

Os deuses, persistentes, acharam por bem mudar de estratégia. Convocaram os animais da mata e lhes propuseram derrubar a árvore. Mais uma vez, não deu certo. Nem mesmo o pica-pau conseguiu dilapidar o vigoroso tronco.

Sem outra alternativa, Yo'i e Ipi apelaram à irmã Aicüna. Ofereceram-na em casamento para quem lançasse formigas-de-fogo nos olhos da preguiça-real.

Um pequeno roedor, Taine, aceitou o desafio. Depois de escalar a samaumeira, arremessou as formigas. Cega, a preguiça soltou os ramos, e a árvore finalmente tombou. Fez-se, assim, a luz.

Do tronco caído, surgiu o rio Solimões. Dos galhos, derivaram novos rios e os igarapés.

Peixes e onças

Não são os ataques à natureza, porém, que imperam no imaginário ticuna. O livro recém-lançado pelos índios demonstra que a

maior parte das lendas reverencia —e diviniza— a floresta.

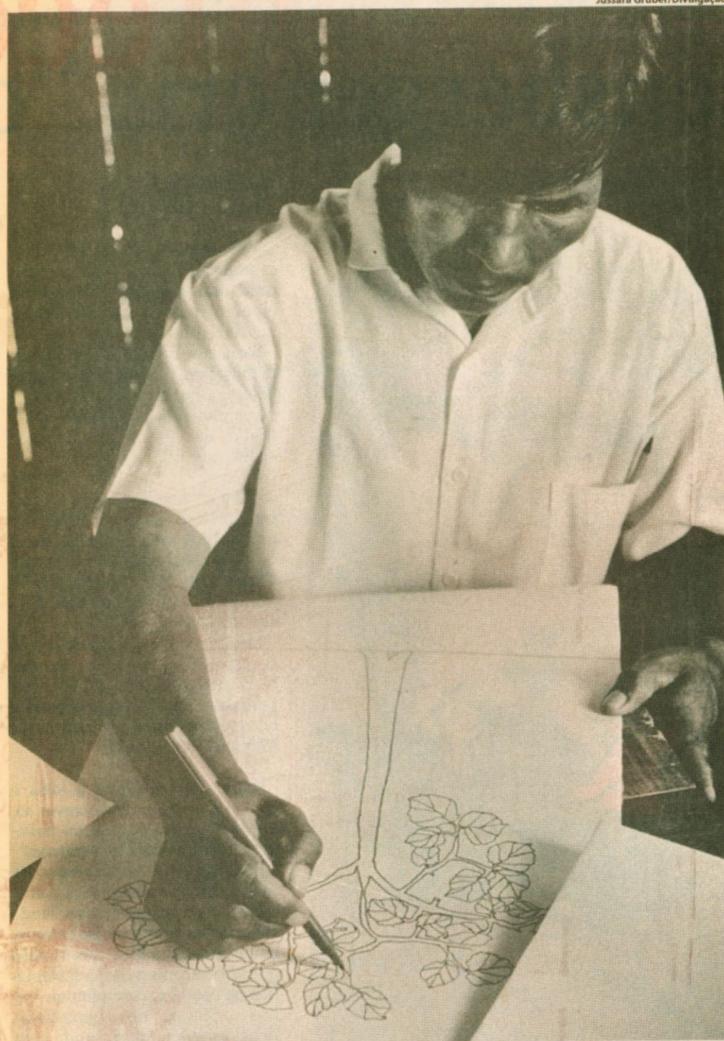
Tome-se como exemplo o mito da ngewane, uma árvore encantada que cresce nos igapós e na beira dos lagos desde o princípio do mundo. Periodicamente, depois da temporada de ventos e chuvas, brotam de seu tronco pequenos ovos, que viram lagartas.

As larvas migram para as raízes da árvore e lá se convertem em milhares de peixes —pacus, traíras, piranhas, sardinhas, surubins, tucunarés, aruanãs, piau e sarapós, que ganham as águas durante as enchentes.

"O ngewane existe para a natureza nunca acabar, para nunca faltar alimento", escrevem os ticunas, que também crêem nos poderes multiplicadores de outra árvore sagrada, a tüerüta.

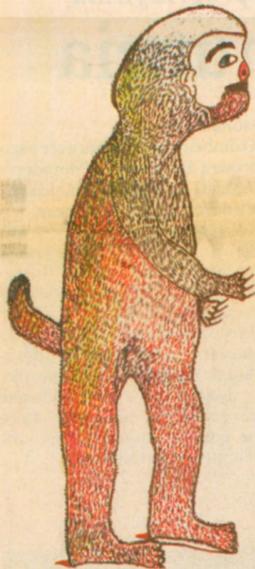
Seus galhos proliferam em todas as direções. Quando as folhas da direita caem no chão, se transformam em onças. As da esquerda originam gaviões.

(ARMANDO ANTENORE)



Um dos autores de "O Livro das Árvores", o índio ticuna Elias Fidelis Thomás, que mora na aldeia de Filadélfia, em Benjamim Constant (AM)

OS DONOS DA MATA



Surra de cócegas

da Reportagem Local

Em "O Livro das Árvores", os ticunas defendem que tudo na floresta tem dono.

O wüwüri, por exemplo, é o proprietário dos buritis, um tipo de palmeira. Reza a mitologia que ele se orgulha dos dentes fortes, das unhas enormes e dos esporões nos pés. Passa os dias limpando o buritizal e recolhendo frutas.

Os índios mais velhos contam que o wüwüri costuma eliminar os invasores de seus domínios com uma surra de cócegas. (AA)

Duas bocas

da Reportagem Local

O mapiquari é o dono dos bichos. Coberto de pêlos, mora bem no meio da floresta. Possui unhas muito afiadas, dentes pontudos, um único olho e duas bocas.

Uma lembra a de qualquer animal e serve para comer. A outra fica na barriga do mapiquari e só desempenha uma função: gritar. Emite ruído tão alto que faz a terra tremer e endoidece quem o escuta.

Perverso, o mapiquari diverte-se perseguindo caçadores nos feriados ou fins-de-semana. (AA)



A FLORESTA

"Na terra do povo ticuna tem lagos, igarapés, rios, igapós, paranás. Tem árvores altas e baixas. Grossas e finas. Com âmagos sem âmagos. (...) Tem árvores amarelas, vermelhas e brancas, quando dão flor. A floresta parece um mapa com muitas linhas e cores. Mas não é para ser recortado."

"Se a gente olha de cima, parece tudo parado. Mas por dentro é diferente. A floresta está sempre em movimento. Há uma vida dentro dela que se transforma sem parar. Vem o vento. Vem a chuva. Caem as folhas. E nascem novas folhas. Das flores saem os frutos. E os frutos são alimento. Os pássaros deixam cair as sementes. Das sementes nascem novas árvores. E vem a noite. Vem a lua. E vêm as sombras, que multiplicam as árvores. As luzes dos vaga-lumes são estrelas na terra. E com o sol vem o dia. Esquenta a mata. Ilumina as folhas. Tudo tem cor e movimento."

Trechos de "O Livro das Árvores"



Seios assassinos

da Reportagem Local

A beru é um dos seres mais peculiares da floresta. Antropófaga, ataca os curiosos atirando-lhes os seios fartos. Nem sempre, no entanto, exhibe aparência humana. Às vezes, se transforma em borboleta.

Gosta de zelar pelos macambos, arvoretinhas de folhas largas e flores pequenas. Limpa o terreno que rodeia as plantas e detesta que mexam em seus frutos, parecidos com o cacau.

(AA)



CONVOCANDO OS ESPÍRITOS



Os índios ticunas acreditam que, para curar, os pajés precisam invocar o espírito das árvores (na ilustração acima, de Alcides Araújo, o curandeiro está recebendo o espírito de um açucá, cujo látex é venenoso)